

O que Define um Turista? Da teoria à compreensão dos gestores de destinos

João José dos Santos Junior¹
Cecília Galvão Fonseca²
Débora Regina Campos Candido³
Glauber Eduardo de Oliveira Santos⁴

Resumo

Os conceitos de turismo e turista ainda não encontram consenso nos debates da área. Historicamente, a palavra turismo esteve associada a viagens de lazer e com propósitos educacionais. Posteriormente, o termo passou a abranger também viagens de negócios, visitas familiares, viagens motivadas por saúde ou religião, entre outras. Outros elementos relevantes para a definição de turismo têm sido objeto de discussão, incluindo a distância entre a residência e o destino, a frequência e a duração das viagens. Atualmente, a polissemia dificulta a comunicação e gera situações problemáticas. Este artigo tem como objetivo discutir o conceito de turista segundo a perspectiva dos gestores de destinos turísticos brasileiros. Especificamente, pretende-se compreender como esses gestores entendem os diferentes aspectos que definem um turista, como a duração da viagem e da estadia, a realização de pernoite, o entorno habitual do viajante e a motivação da viagem. A análise buscou trazer maior clareza aos significados e contornos atribuídos a essa categoria. Foram aplicados questionários a 81 gestores de destinos turísticos em Minas Gerais e Rio de Janeiro. Os resultados indicam perspectivas divergentes sobre o conceito de turista e as motivações de viagem que podem ou não ser consideradas turísticas. De maneira geral, há uma tendência de classificar como turista aqueles cujas viagens causam impactos relevantes no destino, seguindo a evolução do conceito ao longo do século XX. A busca por uma padronização do significado atribuído aos termos continua sendo um desafio para uma conceituação mais clara e efetiva.

Palavras-chave: Conceito; Definição; Noção; Turismo e linguística; Atores políticos.

Abstract

What Defines a Tourist? From theory to destination managers' understanding

The concepts of tourism and tourist remain contentious. Tourism was primarily associated with leisure and educational trips. Over time, the term has grown to include trips for business, visiting friends and relatives, health, religion, and other activities. Other aspects that belong to the tourism definition have also been subjects of debate, including the distance between the place of residence and the destination, travel

1. Doutorando em Mudança Social e Participação Política pela Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: joao_junior@usp.br.
2. Mestranda em Turismo pela Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: ceciliagalvao@usp.br.
3. Mestra em Tecnologia Ambiental pela Universidade Federal Fluminense. Volta Redonda, Rio de Janeiro. Tutora do curso a distância de Licenciatura em Turismo da Fundação Centro de Ciências e Educação Superior do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: debora.rcc@hotmail.com.
4. Doutor em Economia do Turismo pela Universitat de les Illes Balears. Mallorca, Illes Balears, Espanha. Docente do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: glauber.santos@usp.br.

frequency, and duration. This study aims to explore the perspectives of Brazilian tourism destination managers regarding the concept of a tourist. It specifically seeks insights into how these managers interpret various aspects that define a tourist, including trip and stay duration, the occurrence of overnight stays, the usual environment, and travel motivations. By doing so, this study intends to provide clarity on the meanings and characteristics attributed to this category. To achieve this understanding, questionnaires were administered to 81 tourism destination managers in the Brazilian states of Minas Gerais and Rio de Janeiro. The findings show divergent views on the definition of a tourist and on whether certain travel motivations qualify as tourism. Generally, tourists are usually classified as those whose trips significantly impact the destination, reflecting the evolution of the concept throughout the 20th century. Nonetheless, an ongoing challenge remains in standardizing the meaning of these terms to achieve a more coherent and effective concept.

Keywords: Concept; Definition; Notion; Tourism and linguistics; Political agents.

Resumen

¿Qué define a un turista? De la teoría a la comprensión de los gestores de destinos

Los conceptos de turismo y turista aún carecen de consenso en los debates en el área. Históricamente, la palabra turismo ha estado asociada a los viajes de ocio y a fines educativos. Posteriormente, el término también ha llegado a incluir los viajes de negocios, visitas familiares, viajes debido a la salud o la religión, entre otros. Otros elementos relevantes para definir el turismo han sido objeto de discusión, como la distancia entre el lugar de residencia y el destino, la frecuencia y la duración de los viajes. En la actualidad, la polisemia de esos términos dificulta la comunicación y genera situaciones problemáticas. Este artículo tiene como objetivo debatir el concepto de turista desde la perspectiva de los gestores de destinos turísticos brasileños. Se pretende comprender específicamente cómo estos gestores entienden los diferentes aspectos que definen a un turista, como la duración del viaje y la estancia, la realización de pernoctaciones, el entorno habitual del viajero y la motivación del viaje. El análisis se centró en aclarar los significados y características atribuidos a esta categoría. Se aplicó encuestas a 81 gestores de destinos turísticos en los estados brasileños de Minas Gerais y Rio de Janeiro. Los resultados indican perspectivas divergentes en el concepto de turista y las motivaciones de su viaje que pueden o no considerarse turísticas. En general, existe una tendencia a clasificar como turistas a aquellos cuyos viajes impactan significativamente en el destino, lo que refleja la evolución del concepto a lo largo del siglo XX. El desafío persistente radica en estandarizar el significado de estos términos para lograr una conceptualización más coherente y efectiva.

Palabras clave: Concepto; Definición; Noción; Turismo y lingüística; Actores políticos.

INTRODUÇÃO

O que é turismo? E quais são os critérios que classificam uma pessoa como turista? As respostas para essas perguntas não são uníssonas. Não existe consenso sobre a definição de turismo (Cooper, 2022; Seekings, 1989; Vanhove, 2016). O debate sobre os significados do termo turismo é antigo, amplo, complexo e inconcluso (Hunt & Layne, 1991; Leiper, 1979; Morley, 1990; Panosso Netto, 2009). Enquanto a classificação de algumas formas de viagem como turismo é relativamente pacífica, a inclusão de outras formas nesse conjunto é controversa.

A origem dos termos turista e turismo está associada às viagens de lazer e estudos (Leiper, 1983), mas definições cunhadas ao longo do século XX passaram a incluir também as viagens de negócios, visita a amigos e parentes, saúde e religião (Hunt & Layne, 1991). Além da motivação das viagens, a evolução do termo também envolveu questões sobre outros aspectos, como distância, frequência, duração e fonte de recursos financeiros (Leiper, 1979; Morley, 1990).

Esse processo de mudanças no significado do termo turismo o levou à polissemia (Escalona, 2014). Na atualidade, diferentes significados para essa palavra coexistem na sociedade (Lai & Li, 2021). Como bem notou Smith (1988) há mais de três décadas, muitas vezes parece haver um excesso de respostas para a pergunta “o que é turismo?” e, conseqüentemente, para os critérios que definem se determinado deslocamento consiste na prática turística ou não. A diversidade de sentidos atribuídos ao termo pode resultar em falhas de comunicação. Particularmente relevante são as conseqüências da polissemia no âmbito da gestão pública. O descompasso entre a expressão linguística e as necessidades concretas da sociedade pode resultar em problemas para todos os agentes envolvidos, seja por meio do desperdício de recursos e da geração de impactos negativos, seja por meio da perda de oportunidades para o desenvolvimento socioeconômico dos destinos. Desta forma, o presente artigo objetiva investigar a noção de turista sustentada por gestores de destinos turísticos no Brasil. Para tanto, 81 gestores do setor foram entrevistados. O questionário aplicado buscou identificar as características que fazem com que os viajantes sejam identificados como turistas e as quais características os afastam dessa noção. Diferentes aspectos foram analisados, incluindo duração da viagem e da estada, realização de pernoites, questões geográficas envolvendo a noção de entorno habitual e motivação da viagem. Os dados coletados foram analisados por meio de estatísticas descritivas e debatidos à luz das definições da ONU Turismo⁵ (World Tourism Organization, 2008).

É importante destacar que este trabalho não tem qualquer pretensão de definir ou redefinir o que é turismo, ou turista. Assume-se que as viagens constituem um conjunto infinitamente variado. Além disso, assume-se que língua é uma construção social. Logo, o significado de turista nada mais é do que um recorte socialmente construído de um universo de elementos concretos. Assim como qualquer outra construção social, os significados de turismo e turista podem variar entre indivíduos e grupos sociais. Contudo, ainda que variem, e sobretudo porque variam, os significados atribuídos às palavras têm efeitos concretos. Logo, entende-se que aproximar e discutir os contornos do conjunto de fatores que identificam alguém como turista na visão dos gestores de destinos turísticos brasileiros constitui um objetivo legítimo e relevante.

REVISÃO DE LITERATURA

A origem do termo turismo está no latim *tornare* e no grego *tornos*, de círculo ou movimento circular (Theobald, 2005). Os vocábulos *tourism* e *tourist* surgiram

5. Entidade inicialmente conhecida como Organização Mundial do Turismo (OMT), posteriormente designada UNWTO, e chamada de ONU Turismo a partir de 2024.

no inglês como derivações da palavra *tour*, que designava viagens motivadas por estudos e lazer (Leiper, 1983). Logo, em seu significado original, turismo é um subconjunto das viagens. É importante destacar que essa definição estabelece que turismo é essencialmente uma ação do indivíduo. Turismo é algo que as pessoas praticam e, enquanto praticam, assumem a posição de turistas.

Outro significado da palavra turismo é o de um fenômeno social, cultural e econômico que decorre das viagens (World Tourism Organization, 2008). Esse significado foi derivado por metonímia (Houaiss, 2001), figura de linguagem que consiste no uso de uma palavra para descrever outro elemento associado de alguma forma ao primeiro. Atualmente, ambos os significados, de ação individual e de fenômeno coletivo, são reconhecidos tanto pelos dicionários comuns (Houaiss, 2001; Michaelis, 2015), quanto pela literatura acadêmica (Goeldner & Ritchie, 2012; Theobald, 2005) e por órgãos oficiais (World Tourism Organization, 2008).

Existem inúmeras definições de turismo. Leiper (1979) divide as definições em econômicas, técnicas e holísticas. De forma mais concisa, Cooper (2022) classifica as alternativas apenas em técnicas e conceituais. O autor sugere que as definições técnicas são utilizadas sobretudo para fins de mensuração e legislação, enquanto as conceituais são mais abrangentes e imprecisas. É fácil notar que as definições técnicas são frequentemente voltadas para o turismo como ação do indivíduo, enquanto as conceituais usualmente descrevem o fenômeno coletivo, seja pelo viés social ou pelo econômico.

Ao longo do século XX, o uso do termo turismo deixou de ser exclusivo da designação de viagens de lazer e estudos, passando a incluir também viagens com outras motivações. Definições acadêmicas clássicas, como as de Hunziker e Krapf de 1942 e a de Burkart e Medlik de 1974, tiveram grande relevância na inclusão de viagens motivadas por negócios, visita a amigos e parentes, tratamentos de saúde e religião, entre outras (Cooper, 2022; Morley, 1990).

Órgãos governamentais e internacionais também empreenderam esforços para a elaboração de definições de turismo (World Tourism Organization, 2008). De maneira geral, o movimento se deu no sentido da inclusão de todas as viagens com consequências econômicas, sociais e ambientais relevantes para o destino (McCabe, 2009). No entanto, a associação do turismo ao lazer ainda está fortemente presente no significado popular do termo (Yu et al., 2012).

O movimento de órgãos governamentais e internacionais de definição do turismo culminou em 2008 com a publicação da versão mais recente do Manual de Recomendações para Estatísticas de Turismo da ONU Turismo, documento elaborado em parceria com a divisão de estatísticas das Nações Unidas (World Tourism Organization, 2008). Esse documento apresenta duas definições de turismo. A primeira é conceitual e se refere ao fenômeno coletivo, estabelecendo que “turismo é um fenômeno social, cultural e econômico relacionado ao movimento de pessoas para lugares fora de seus locais de residência habitual, sendo o lazer a motivação usual” (World Tourism Organization, 2008, p. 1, tradução dos autores).

A segunda definição do Manual da ONU Turismo é técnica e aborda o turismo como ação individual. Segundo o documento, “turismo se refere à atividade dos visitantes” (World Tourism Organization, 2008, p. 10, tradução dos autores). Visitante é definido como “um viajante fazendo uma viagem para um destino

principal fora de seu entorno habitual, por menos de um ano, com qualquer propósito (negócios, lazer ou outros propósitos pessoais) que não seja o de ser empregado por uma entidade residente no destino visitado” (World Tourism Organization, 2008, p. 10, tradução dos autores). Os visitantes cujas viagens incluem ao menos um pernoite são chamados de turistas. Aqueles visitantes que não pernoitam fora de seus entornos habituais durante a viagem são chamados de excursionistas. É importante ressaltar que, para a ONU Turismo, ainda que possa parecer contraintuitivo, o turismo inclui as atividades não apenas de turistas, mas também de excursionistas.

O entorno habitual é definido como a área geográfica em que o indivíduo realiza suas atividades rotineiras (World Tourism Organization, 2008). Portanto, turistas e excursionistas se diferenciam dos viajantes que se deslocam regularmente entre seus locais de residência e de trabalho, estudo ou outra atividade. Definições operacionais de entorno habitual são relativamente complexas e despertam uma série de debates (Govers *et al.*, 2008). Do mesmo modo, o limite de duração máxima da viagem turística também permite exceções e exige qualificações.

Contudo, o aspecto mais controverso da definição de turismo da ONU Turismo é a motivação da viagem. Apesar dos esforços da ONU Turismo e outras entidades e pessoas para difundir o conceito de turismo que inclui viagens não de lazer, essa noção ainda não foi amplamente adotada. Na linguagem cotidiana, o turismo raramente está associado às viagens de negócios, por exemplo. Uma breve leitura de textos da mídia geralmente revela que, quando se fala em turismo, usualmente se está fazendo referência às viagens de lazer. Os próprios viajantes não de lazer raramente se identificam como turistas (Camargo *et al.*, 2020). A dissociação entre turismo e viagens não de lazer aparece também na literatura acadêmica. Os textos sobre a história do turismo, por exemplo, raramente tratam do turismo de negócios ou de visita a amigos e parentes (Camargo, 2007; Figueiredo & Ruschmann, 2004; Magalhães *et al.*, 2013; Marcelo, 2009).

Poucas pesquisas foram conduzidas para explorar o que as pessoas entendem por turismo. Lea *et al.* (1994) parecem ter sido os primeiros a investigar as noções populares de turismo e, conseqüentemente, de critérios que definem ou não o viajante como turista. Os autores entrevistaram 40 estudantes universitários e 40 cidadãos residentes na Nova Zelândia. Os sujeitos da pesquisa foram apresentados a enunciados com descrições de viajantes hipotéticos. Em seguida, foram solicitados a responder qual a probabilidade de que classificariam o viajante em questão como turista. As respostas foram dadas em escalas de 5 pontos distribuídos entre os extremos “certamente” e “certamente não”. Viagens a lazer e com pernoites foram as mais fortemente associadas à classificação do indivíduo como turista. Percebeu-se também que a origem estrangeira do viajante reforçava a associação ao turismo.

Amuquandoh (2010) também investigou a noção popular de turismo, investigando os residentes da bacia do lago Bosomtwe, em Gana. Uma amostra de 628 chefes de família foi entrevistada. Uma pergunta aberta foi utilizada para indagar os sujeitos da pesquisa acerca do conceito de turismo. Os resultados indicaram que 77% dos entrevistados associam turismo com viagens e visitas a locais de interesse, reafirmando a forte relação do conceito com o lazer. Parcelas minoritárias indicaram associações do turismo com outros elementos, incluindo hotéis e visitas a amigos e parentes.

O artigo Yu *et al* (2012) apresenta o resultado de uma pesquisa sobre a noção de turismo sustentada pelos próprios turistas. Viajantes que circulavam pela região

Centro-Oeste dos Estados Unidos foram indagados se consideravam a si mesmos como turistas ou não. Os resultados mostram que a distância entre a origem e o destino é um importante determinante dessa percepção. A noção de turista naquele contexto parece estar associada a viagens para destinos que distam pelo menos 75 milhas do local de residência. Viajantes que visitam o destino pela primeira vez têm maior chance de se enxergarem como turistas do que aqueles que visitam um destino já conhecido. Por outro lado, a realização de pernoite no destino ou fora do local de residência não parece ter efeito sobre a noção popular de turista. Outro elemento que difere a noção popular daquela defendida pela ONU Turismo é relativo à motivação da viagem. Yu e seus colegas mostram que aqueles que viajam para visitar amigos e parentes geralmente não se consideram turistas.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este artigo relata e discute os resultados de uma pesquisa realizada por meio de questionários aplicados a gestores de destinos turísticos dos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Os gestores foram abordados por e-mail e WhatsApp. A lista de contatos foi obtida a partir dos contatos profissionais dos autores. O pedido de colaboração para a pesquisa foi enviado a 153 gestores, resultando em 81 questionários respondidos (taxa de resposta = 53%). O questionário foi disponibilizado em plataforma online entre maio e junho de 2021. A amostra efetivamente pesquisada é altamente qualificada. Dos entrevistados, 8% eram servidores públicos estaduais, 70% servidores públicos municipais, 5% gestores de Instâncias de Governança Regional (IGRs) e 17% outros tipos de membros de conselhos municipais e IGRs de turismo, incluindo membros do setor privado envolvidos nesses colegiados de gestão de destinos turísticos. Além disso, 42% têm alguma formação na área de turismo, seja curso técnico, graduação ou pós-graduação. A maioria (63%) são do estado de Minas Gerais.

Seguindo o método de Lea *et al.* (1994), o questionário foi composto por vinte e cinco enunciados breves que descreviam turistas hipotéticos. Cada enunciado terminava com a pergunta: “Pode-se dizer que essa pessoa é turista?”. As alternativas disponíveis para resposta eram apenas “sim”, “não” e “não sei”. O primeiro enunciado descrevia um viajante que cuja classificação como turista parece não despertar dúvidas. Os resultados confirmaram essa qualidade do enunciado inicial. Os demais enunciados apresentavam um ou mais elementos que despertam debates e polêmicas sobre a definição de turismo. Os elementos divergentes foram selecionados a partir da revisão da literatura, incluindo duração da estada, pernoite, entorno habitual e motivação. Diversas descrições incluem mais de um elemento divergente. Em alguns casos, essa característica buscou garantir a verossimilhança das descrições, enquanto em outros o objetivo foi examinar a interação entre diferentes elementos divergentes da noção original de turismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os entrevistados, 38 (47%) possuíam formação técnica ou superior em turismo. O enunciado de referência da pesquisa (Id. 1) descrevia um sujeito

com comportamento típico do turismo. A descrição deste perfil não apresentava nenhum elemento que evidentemente afronte a noção popular de turista, bem como os significados oficiais e científicos do termo. Mesmo assim, um gestor afirmou que o caso não descrevia um turista. Além disso, nenhum gestor deixou de emitir uma opinião sobre a questão (não sei). Esse resultado serve de indicativo da confiabilidade das respostas. Entende-se que essa medida é alta, já que 99% dos gestores responderam à questão de referência de acordo com o esperado.

Quadro 1 – Enunciado de referência

Id.	Enunciado	Concordância	Não sei
1	Uma pessoa reside em São Paulo e vai ao Rio de Janeiro para conhecer a cidade, chegando na sexta-feira, hospedando-se em um hotel e voltando para casa no domingo. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	99%	0%

Duração da viagem e da estada

A definição de turismo da ONU Turismo indica que um critério para ser considerado visitante é que a duração da estada no destino seja inferior a um ano (World Tourism Organization, 2008). Essa definição é feita em contraposição à definição de residente, que exige que o indivíduo permaneça por mais de um ano na localidade ou tenha a intenção de tal permanência. É importante destacar que o critério estabelecido pela ONU Turismo se refere ao tempo de permanência no destino, e não ao tempo de ausência do local de residência. No entanto, viagens com durações superiores a um ano parecem revelar divergências na noção popular de turista, mesmo quando o viajante não permanece por longos períodos em uma mesma localidade. No exemplo pesquisado, um indivíduo que viaja por quatro anos (Id. 2) foi entendido como turista por 78% dos gestores entrevistados. Logo, 22% dos gestores não associaram o viajante à noção de turismo. Viagens com duração de exatamente um ano e permanência em um mesmo destino (Id. 3) são ainda menos reconhecidas como turísticas. Na pesquisa, apenas 70% dos gestores indicaram que um viajante que passa um ano no destino corresponde a um turista. Portanto, percebe-se que a noção de turista adotada pelos gestores não raro exclui viagens com durações relativamente longas.

Quadro 2 – Duração da viagem e da estada

Id.	Enunciado	Concordância	Não sei
2	Uma pessoa decide-se por dar a volta ao mundo utilizando uma bicicleta, fazendo esse percurso em 4 anos. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	78%	6%
3	Uma pessoa decide tirar um ano sabático, pede licença em seu trabalho e viaja para a Itália, permanecendo lá por um período de um ano. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	70%	4%

Pernoite

Segundo a ONU Turismo, o visitante que não pernoita no destino é um excursionista, enquanto aquele que pernoita é chamado de turista (World Tourism Organization, 2008). A maior parte dos gestores de turismo entrevistados discordam desse critério. Um viajante que passa o dia no destino (Id. 4) foi reconhecido como turista por 67% dos gestores. Logo, nota-se que os gestores frequentemente não fazem distinção entre turistas e excursionistas. Esse resultado é consistente com aquele apresentado por Yu et al (2012), indicando que a diferenciação entre turistas e excursionistas não corresponde à noção popular de turismo. Essa indiferenciação também é compatível com a ideia de atribuição de significados segundo os interesses econômicos. Uma vez que turistas e excursionistas demandam serviços e geram impactos econômicos semelhantes, a distinção entre os dois grupos é relevante apenas para fins específicos, como para a análise de questões relacionadas à hospedagem.

Quadro 3 – Pernoite

Id.	Enunciado	Concordância	Não sei
4	Uma pessoa reside em São Paulo e vai ao Rio de Janeiro para conhecer a cidade, chegando na manhã de domingo e voltando para casa no final do dia. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	67%	2%

Entorno habitual

De acordo com a ONU Turismo, visitantes, incluindo turistas, são pessoas que viajam para fora de seus entornos habituais (World Tourism Organization, 2008). Por sua vez, o entorno habitual é definido como a área geográfica dentro da qual o indivíduo realiza suas atividades e sua rotina. O conceito de entorno habitual permite diferenciar visitantes e viajantes que se deslocam de forma cotidiana entre seus locais de residência, trabalho, estudo, compras, visita a amigos e parentes, religião, saúde e outros. A área do entorno habitual pode ou não ser contígua, eventualmente contendo locais distantes da residência, mas que são visitados regularmente. Residências secundárias não devem ser consideradas parte do entorno habitual, mesmo que sejam visitadas com frequência.

O conceito de entorno habitual é complexo, despertando uma série de ambiguidades e indefinições. Na pesquisa realizada, um indivíduo que deixa seu domicílio para realizar atividades de lazer em um imóvel alugado na mesma cidade (Id. 5) foi identificado como turista por 43% dos gestores entrevistados. A associação ao turismo aumenta quando as atividades de lazer são realizadas em espaços tipicamente turísticos, localizados na cidade de residência, mas em uma zona distante e não frequentada cotidianamente pelo indivíduo, mesmo que dessas atividades não decorra nenhum pernoite fora de casa (Id. 6). Nesse caso, 53% dos gestores identificaram o indivíduo como turista. Logo, a noção de turista parece estar associada à transposição, tanto dos limites comportamentais do entorno habitual, quanto dos limites político-administrativos.

Quadro 4 – Entorno habitual

Id.	Enunciado	Concordância	Não sei
5	Uma família decide alugar um “AirBnB” em sua própria cidade, deixando suas casas para desfrutar de uma casa com piscina e outras comodidades, durante um fim de semana. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	43%	7%
6	Uma pessoa reside no Rio de Janeiro e desenvolve todas as atividades rotineiras no bairro de Santa Cruz e adjacências, sai no sábado pela manhã, em um trajeto de cerca de 70 km dentro da cidade para visitar o Corcovado, retornando para casa no mesmo dia. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	53%	6%

Motivação

O turismo é tradicionalmente associado ao lazer. Contudo, o significado do termo passou por um processo de revisões e mudanças. Várias definições atuais, incluindo aquela estabelecida pela ONU Turismo, consideram que viagens com outras motivações devem ser consideradas turísticas. No entanto, tal compreensão não é unânime. Indivíduos que fazem viagens religiosas, especificamente para pagar promessas (Id. 7), foram considerados turistas por 74% dos gestores. Este caso também foi um dos que mais gerou dúvida nos respondentes, sendo que 9% dos participantes da pesquisa assinalaram a alternativa “não sei”. Já aqueles que peregrinam a pé até santuários religiosos (Id. 8) foram considerados turistas por 85% dos entrevistados.

A motivação de visita a amigos e parentes também traz alguma polêmica. Na pesquisa realizada, essa característica foi pesquisada apenas em associação com a frequência semanal. Como resultado, 46% dos gestores indicaram que aquele que visita semanalmente seus parentes residentes em um município distante (Id. 9) é um turista. Quando a viagem de lazer, voltada para conhecer o destino, conta com hospedagem na casa de amigos ou parentes (Id. 10), a associação ao turismo é bem mais alta (89%).

O deslocamento para tratamento médico constitui outro universo polêmico. Connell (2011) discute as diferentes formas de viagens com finalidades médicas e reconhece o debate sobre a associação destas ao turismo. Contudo, seguindo a tradição fundamentada nas consequências econômicas, sociais e ambientais do fenômeno, o autor sugere que as viagens para tratamento médico devem sim ser consideradas como parte do turismo. Na presente pesquisa, o tratamento médico eventual em destino fora do entorno habitual associado a pernoite em estabelecimento comercial (Id. 11) foi considerado como turismo por 74% dos gestores.

As viagens do *Grand Tour*, motivadas pelo estudo, estão nas origens históricas do turismo. Contudo, a identificação de toda e qualquer viagem de estudos como turística não é pacífica. A natureza não de lazer de algumas dessas viagens desperta divergências sobre a classificação. Além disso, longas permanências no mesmo destino e altas frequências também implicam alguma indefinição. Na pesquisa realizada, viagens de intercâmbio de 6 meses em outro país (Id. 12) foram associadas ao turismo por 68% dos entrevistados. O mesmo nível de concordância (68%) foi observado com relação às viagens curtas e recorrentes

para estudos em outra cidade (Id. 13). A consideração de que a viagem para estudo não inclui qualquer contato com espaços públicos do destino (Id. 14) não reduz a associação desta ao turismo (72%). Por outro lado, estudos do meio e visitas técnicas de um dia, ainda que com destino a outro município (Id. 15), foram identificados como turismo por 44% dos gestores.

Talvez o conjunto de motivações de pertencimento mais polêmico ao turismo é aquele associado aos negócios, trabalho e outras obrigações. Esse conjunto inclui diversas motivações específicas com variados graus de relação com o lazer (Camargo et al., 2020). Uma motivação na intersecção entre os dois universos motivacionais é o trabalho voluntário. A classificação de viagens de trabalho voluntário como turismo é polêmica. Para 60% dos gestores entrevistados, essas viagens são turísticas (Id. 16). Além disso, essa questão foi a que deixou o maior número de participantes da pesquisa em dúvida, sendo que 11% assinalaram a alternativa “não sei”. Outra motivação que combina elementos de lazer e negócios é a compra de itens pessoais. Viagens para realizar esse tipo de compra (Id. 17) foram associadas a turistas por apenas 81% dos entrevistados. Já as viagens frequentes, realizadas uma vez por mês, para um destino próximo à residência, sem necessidade de pernoite (Id. 18), são turísticas segundo 47% dos gestores consultados, embora 9% tenham indicado que não sabem afirmar a natureza turística ou não dessas viagens. As viagens para compras profissionais (Id. 19) foram consideradas turísticas por 59% dos gestores. Por outro lado, se as viagens para compras profissionais forem de apenas um dia, sem pernoite (Id. 20), apenas 44% dos entrevistados as classificam como turísticas. As viagens propriamente de negócios ou trabalho, motivadas especificamente pela prestação de serviços (Id. 21), foram consideradas turísticas por 63% dos gestores. Resultado similar (62%) foi observado com respeito às viagens de negócios voltadas para a prospecção de negócios (Id. 22). Por fim, encontros corporativos (Id. 23) são fortemente associados ao turismo (81%).

Quadro 5 – Motivação

Id	Enunciado	Concordância	Não sei
7	Uma pessoa reside em São Paulo e, todos os anos, na mesma data, vai à ao Rio de Janeiro, especificamente à igreja da Candelária, para cumprir uma promessa. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	74%	9%
8	Um grupo de amigos se reúne todos os anos para fazer uma peregrinação religiosa a pé, saindo de Itatiaia (RJ), com destino à Aparecida (SP). Pode-se dizer que essas pessoas são turistas?	85%	5%
9	Uma pessoa reside em São Paulo e vai ao Rio de Janeiro visitar os pais todos os finais de semana, chegando na sexta-feira, hospedando-se na casa dos pais e voltando para casa no domingo. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	46%	6%
10	Uma pessoa reside em São Paulo e vai ao Rio de Janeiro para conhecer a cidade, chegando na sexta-feira, hospedando-se na casa de um amigo e voltando para casa no domingo. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	89%	4%

(continua...)

Quadro 5 – Continuação

Id	Enunciado	Concordância	Não sei
11	Uma pessoa reside em São Paulo e vai ao Rio de Janeiro mensalmente para realizar um tratamento médico, chegando na sexta-feira, hospedando-se em uma pousada próxima ao hospital e voltando para casa no domingo. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	74%	2%
12	Um estudante sai do Brasil com o intuito de realizar um intercâmbio na Inglaterra para aprimorar seus estudos em Inglês, residindo junto a uma família em Manchester e permanecendo lá por seis meses. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	68%	1%
13	Uma pessoa reside em São Paulo e vai ao Rio de Janeiro uma vez ao mês para seu curso de pós-graduação, chegando na sexta-feira, hospedando-se em hotel próximo à instituição onde estuda e voltando para casa no domingo. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	68%	7%
14	Um médico reside em São Paulo e vai ao Rio de Janeiro para participar de um curso de especialização em sua área, chegando na sexta-feira, hospedando-se no mesmo hotel onde o evento acontece, não saindo do hotel para nenhuma atividade e voltando para casa no domingo. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	72%	2%
15	Um grupo de estudantes do curso de Arquitetura do município de Juiz de Fora (MG) visita Vassouras (MG) para uma aula de campo, retornando no mesmo dia. Pode-se dizer que essas pessoas são turistas?	44%	1%
16	Uma pessoa reside em Belo Horizonte e compra um pacote para realizar um trabalho voluntário na África. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	60%	11%
17	Uma pessoa que reside em Palmas (TO) se dirige a São Paulo, com a intenção de fazer compras pessoais em lojas de Grife na Rua Oscar Freire em São Paulo (SP), pernoita em um hotel e retorna a sua cidade de origem no dia seguinte. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	81%	5%
18	Uma pessoa que reside no município de Francisco Morato (SP) tem o hábito de ir, em média, uma vez ao mês para o Shopping Center na avenida Paulista em São Paulo para fazer compras. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	47%	9%
19	Um supervisor de Supply Chain de uma empresa situada no município de Conceição do Pará/MG precisa ir a Belo Horizonte para comprar peças que não encontra no município em que a empresa está situada, pernoitando em um hotel e retornando ao seu município no dia seguinte. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	59%	6%
20	Uma pessoa reside no interior de São Paulo e sai de sua cidade na sexta-feira à noite, viajando para a capital, no bairro do Brás, para realizar a compra de itens de vestuário para revenda durante o dia de sábado, retornando para a cidade de origem no mesmo dia. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	44%	1%

(continua...)

Quadro 5 – Continuação

Id	Enunciado	Concordância	Não sei
21	Um consultor de negócios do Sebrae-MG sediado em Sete Lagoas/MG vai para o município de Maravilhas/MG para prestar uma consultoria de qualificação profissional em um curso de 4h/ aula, pernoitando em um hotel e retornando ao seu município sede no dia seguinte. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	63%	5%
22	Uma pessoa que reside no Rio de Janeiro, e toda semana se dirige a diferentes cidades no estado com a finalidade de captar clientes para sua empresa, pernoitando na cidade de destino e retornando posteriormente a seu município de origem. Pode-se dizer que essa pessoa é turista?	62%	5%
23	Uma empresa situada em Papagaios (MG), precisa realizar um evento para seus funcionários, mas não dispõe da infraestrutura necessária em sua cidade de origem. O gestor da empresa decide então reservar um auditório em Belo Horizonte (140 Km de distância) e enviar sua equipe para a capital mineira para uma estada de dois dias para realizar o evento. Pode-se dizer que essas pessoas são turistas?	81%	1%

CONCLUSÃO

O significado atribuído à palavra turista difere entre as pessoas. Turismo não é uma categoria natural ou universal. Portanto, não há definição intrinsecamente correta ou incorreta. Na realidade, as viagens, concretas e imaginadas, passadas ou futuras, são distintas em infinitos aspectos. Identificar os praticantes de um determinado subconjunto de todas as viagens como turista é um processo de construção de sentido para o vocábulo, e não de identificação de um subconjunto necessário e verdadeiro. Não há subconjunto verdadeiro. Os critérios que definem o turista decorrem dos pressupostos sobre os quais são construídos. Contudo, não há um ponto de referência universal para julgarmos o que é e o que não é um turista. Embora alguns teóricos tentem argumentar ao contrário, não há como estabelecer pressupostos inequívocos e incontestáveis para esse tipo de discussão. Sendo assim, não há motivo para levar adiante a discussão sobre o verdadeiro significado de *turista*.

Este trabalho adotou uma perspectiva epistemológica diametralmente oposta à proposta dita ingênua de definição do verdadeiro significado de *turista*. Ao invés de discutir quais critérios efetivamente definem um turista, a presente pesquisa buscou estudar o que se entende por turista. Assumindo que o que realmente importa é o significado que as pessoas adotam, buscou-se aqui descrever os significados que gestores de destinos turísticos do Brasil atribuem ao termo *turista*. Desta forma, foram analisados diferentes tipos de viagens e seus graus de associação ao turismo. Em especial, foram estudadas as percepções de gestores acerca de questões relacionadas à duração das viagens, realização de pernoites, entorno habitual e motivação.

Os resultados apontaram que a compreensão do termo *turista* é variada. Exceto no caso paradigmático, que não apresentava nenhum elemento efetivamente

polêmico, em todos os outros houve divergência sobre a classificação do indivíduo como turista ou não. Viagens de longa duração nem sempre são entendidas como atividades turísticas. Por outro lado, viagens sem pernoite são muitas vezes consideradas turísticas. As viagens para lugares dentro do município de residência são excluídas do conjunto turístico por muitos gestores, embora o número de opiniões divergentes não seja desprezível. Quanto às motivações, as divergências também são frequentes. Contudo, ao contrário do que se previa, as viagens de negócios e tratamento de saúde foram frequentemente aceitas como turísticas pelos gestores, indicando que parte das mudanças semânticas propostas ao longo do século XX já foram efetivamente internalizadas. Algumas viagens de visita a amigos e parentes e compras realizadas frequentemente alcançaram níveis de associação ao turismo bem menores. As excursões de estudo do meio também se revelaram pouco associadas ao turismo na visão dos gestores. De maneira geral, em linha com a evolução histórica da noção de turismo, nota-se uma tendência de classificar como turista o indivíduo cuja viagem causa impactos relevantes no destino.

A pesquisa reforça a dificuldade de definição de uma atividade como turística ou não em razão da polissemia da palavra *turismo*. Embora essa característica seja resultado do processo de construção social dos significados das palavras, já que turismo não é uma categoria natural, deve-se reconhecer que a confusão de sentidos pode resultar em problemas. Do ponto de vista da gestão pública e privada do turismo, clareza e fluência são características desejáveis para a comunicação. A adoção de sentidos distintos para a mesma palavra prejudica diversos debates e decisões. Por exemplo, os órgãos chamados de Secretaria de Turismo acabam tendo como objeto de trabalho um conjunto mal definido de elementos. Essa ambiguidade abre espaço para a manipulação do destino de investimentos e outros recursos. Quando existe uma intenção política ou privada de direcionar recursos para determinada localidade ou finalidade, o desenvolvimento do turismo é frequentemente aludido como justificativa flexível e evasiva. Dada a polissemia do termo, não é difícil justificar um conjunto de projetos exageradamente amplo e sem relação efetiva com o fenômeno. Em outras palavras, o turismo é muitas vezes uma desculpa para fins pouco justificáveis. Por outro lado, a polissemia também pode resultar na desatenção a determinadas oportunidades. Por exemplo, quando as viagens de negócios não são entendidas como turismo, é possível que essa fonte de receitas e empregos seja ignorada pela gestão pública, levando à perda de oportunidades relevantes de desenvolvimento socioeconômico local. Uma alternativa para evitar a desatenção àqueles que viajam por motivos não de lazer é adicionar o termo *viagens* às expressões que com a palavra *turismo*. Essa estratégia, semelhante ao que se observa muitos contextos na língua inglesa, em que se usa o binômio *travel and tourism*, já é adotada, por exemplo, no nome da Secretaria de Viagens e Turismo do Estado de São Paulo.

Naturalmente, este artigo não advoga pelo controle da língua, como ocorrido em alguns exemplos trágicos da história e da ficção. No entanto, parece ser razoável o cuidado no uso das expressões idiomáticas, especialmente por parte de acadêmicos e gestores públicos. Desta forma, sugere-se que os termos *turismo* e *turista* sejam prioritariamente utilizados para designar conjuntos compatíveis com as definições sugeridas pela ONU Turismo. Críticas às definições dessa

autoridade multilateral podem e devem ser feitas. No entanto, é importante que tais manifestações sejam claramente identificadas a fim de evitar favorecer os problemas decorrentes das falhas de comunicação. Além disso, as referências a outros conjuntos de viajantes, definidos por outros recortes e limites, também deveriam ser claramente apresentadas e identificadas, evitando-se agravar o atual quadro de dificuldades na comunicação e, quem sabe, contribuindo para o esclarecimento e a compreensão.

REFERÊNCIAS

- Amuquandoh, F. E. (2010). Lay concepts of tourism in Bosomtwe Basin, Ghana. *Annals of Tourism Research*, 37(1), 34–51. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2009.07.002>
- Camargo, G., Rodrigues, D., Netto, A. P., & Santos, G. (2020). Multiplicidade e complexidade dos motivos de viagem. *Marketing & Tourism Review*, 5(1). <https://doi.org/10.29149/mtr.v5i1.5807>
- Camargo, H. L. (2007). Uma pré-história do turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850) (Aleph).
- Connell, J. (2011). *Medical Tourism*. CABI.
- Cooper, C. (2022). Tourism. In D. Buhalis (Ed.), *Encyclopedia of Tourism Management and Marketing*. Edward Elgar Publishing. <https://doi.org/10.4337/9781800377486>
- Escalona, F. M. (2014). Polisemia del turismo: Ventajas e inconvenientes. *TURYDES: Revista sobre Turismo y Desarrollo local sostenible*, 7(16), 1.
- Figueiredo, S. L., & Ruschmann, D. V. de M. (2004). Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. *Novos Cadernos NAEA*, 7(1), 155–188. <https://doi.org/10.5801/ncn.v7i1.40>
- Goeldner, C. R., & Ritchie, J. R. B. (2012). *Tourism: Principles, Practices, Philosophies* (12th ed.). John Wiley & Sons, Inc.
- Govers, R., Hecke, E. Van, & Cabus, P. (2008). Delineating tourism: Defining the usual environment. *Annals of Tourism Research*, 35(4), 1053–1073. <https://doi.org/10.1016/J.ANNALS.2008.09.001>
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Objetiva.
- Hunt, J. D., & Layne, D. (1991). Evolution of travel and tourism terminology and definitions. *Journal of Travel Research*, 29(4), 7–11. <https://doi.org/10.1177/004728759102900402>
- Lai, K., & Li, X. (Robert). (2022). Tourism in a Semantic Mirror: Retheorizing Tourism from the Linguistic Turn. *Journal of Travel Research*, 61(5), 963–980. <https://doi.org/10.1177/00472875211019464>
- Lea, S. E. G., Kemp, S., & Willetts, K. (1994). Residents' concepts of tourism. *Annals of Tourism Research*, 21(2), 406–410. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(94\)90059-0](https://doi.org/10.1016/0160-7383(94)90059-0)
- Leiper, N. (1979). The framework of tourism: Towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry. *Annals of Tourism Research*, 6(4), 390–407. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(79\)90003-3](https://doi.org/10.1016/0160-7383(79)90003-3)
- Leiper, N. (1983). An etymology of "tourism." *Annals of Tourism Research*, 10(2), 277–280. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(83\)90033-6](https://doi.org/10.1016/0160-7383(83)90033-6)
- Magalhães, A. M., Castro, C., & Guimarães, V. L. (2013). *História do Turismo no Brasil*. FGV Editora.
- Marcelo, H. V. (2009). A historicidade de uma invenção. *Revista Brasileira de Pesquisa Em Turismo* 2, 3(1), 108–114. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v3i1.141>

- Matan Mor, Sagi Dalyot, Yael Ram. (2023). Who is a tourist? Classifying international urban tourists using machine learning. *Tourism Management*, 95. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2022.104689>
- McCabe, S. (2009). Who is a tourist? Conceptual and theoretical developments. In J. Tribe (Ed.), *Philosophical issues in tourism* (pp. 25–42). Channel View Publications.
- Michaelis. (2015). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Melhoramentos.
- Morley, C. L. (1990). What is tourism? Definitions, concepts and characteristics. *Journal of Tourism Studies*, 1(1), 3–8.
- Panosso Netto, A. (2009). What is tourism? Definitions, theoretical phases and principles. In J. Tribe (Ed.), *Philosophical issues in tourism* (pp. 43–61). Channel View Publications.
- Seekings, J. (1989). Components of tourism. In S. F. Witt & L. Moutinho (Eds.), *Tourism marketing and management handbook* (pp. 57–62). Prentice-Hall.
- Smith, S. L. J. (1988). Defining tourism a supply-side view. *Annals of Tourism Research*, 15(2), 179–190. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(88\)90081-3](https://doi.org/10.1016/0160-7383(88)90081-3)
- Theobald, W. F. (2005). The meaning, scope, and measurement of travel and tourism. In W. F. Theobald (Ed.), *Global Tourism* (pp. 5–24). Elsevier.
- Vanhove, N. (2016). Tourism. In J. Jafari & H. Xiao (Eds.), *Encyclopedia of Tourism* (pp. 953–955). Springer.
- World Tourism Organization. (2008). *International Recommendations for Tourism Statistics 2008*. World Tourism Organization.
- Yu, X., Kim, N., Chen, C.-C., & Schwartz, Z. (2012). Are you a tourist? Tourism definition from the tourist perspective. *Tourism Analysis*, 17(4), 445–457. <https://doi.org/10.3727/108354212X13473157390687>

Recebido em: 31 jul. 2023

Aceito em: 24 fev. 2024

CONTRIBUIÇÕES:

João José dos Santos Junior: Definição do problema de pesquisa e objetivos; desenvolvimento da proposição teórica; realização da revisão bibliográfica e fundamentação teórica; escolha dos procedimentos metodológicos; análise de dados; elaboração de tabelas, gráficos e figuras; redação do manuscrito; adequação do manuscrito às normas da RTA.

Cecília Galvão Fonseca: Definição do problema de pesquisa e objetivos; Desenvolvimento da proposição teórica; realização da revisão bibliográfica e fundamentação teórica; coleta de dados; análise de dados; elaboração de tabelas, gráficos e figuras; redação do manuscrito.

Débora Regina Campos Candido: Definição do problema de pesquisa e objetivos; desenvolvimento da proposição teórica; realização da revisão bibliográfica e fundamentação teórica; escolha dos procedimentos metodológicos; coleta de dados; análise de dados; elaboração de tabelas, gráficos e figuras; redação do manuscrito.

Glauber Eduardo de Oliveira Santos: Definição do problema de pesquisa e objetivos; desenvolvimento da proposição teórica; realização da revisão bibliográfica e fundamentação teórica; escolha dos procedimentos metodológicos; análise de dados; elaboração de tabelas, gráficos e figuras; revisão crítica do manuscrito; redação do manuscrito; adequação do manuscrito às normas da RTA.